

# PENSANDO UMA PROPOSTA PARA O ESTUDO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Neide HIGINO DA SILVA  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**RESUMO:** *Este artigo objetiva apontar propostas teóricas para análise formal, semântica e pragmática de expressões idiomáticas. Para tal, parte-se do aporte teórico da Linguística Cognitiva (LAKOFF e JONHSON, 1980; LAKOFF, 1987; FILLMORE, 1982; BARCELONA, 2000; CROFT e CRUSE, 2004), mais precisamente da Gramática das Construções, o modelo proposto por Langacker (1987). As considerações tomam por base as análises de Silva (2011) para expressões idiomática com a palavra “pé” e propõe a observação quantitativa, por meio do levantamento de frequência de uso das expressões, e qualitativa, examinando as suas situações de uso, visando estabelecer uma relação dessas informações com a contraparte formal.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Expressões idiomáticas, Construções, Uso.*

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, são revistas as análises de Silva (2011) sobre as expressões idiomáticas com a palavra “pé”, a fim de sugerir possíveis desdobramentos para essa pesquisa. O *corpus* examinado fez parte da pesquisa de mestrado da autora (*op. cit.*).

Na primeira seção, são apresentados, sucintamente, o arcabouço teórico utilizado por Silva (2011) e os resultados da pesquisa. Na segunda seção, retoma-se parte da fundamentação teórica da dissertação e propõem-se outras leituras para o desenvolvimento do trabalho. Conclui-se indicando os aspectos que podem ser abordados nesse desdobramento.

## 1. UMA ABORDAGEM COGNITIVISTA

Silva (2011), utilizando o arcabouço teórico da Linguística Cognitiva (LAKOFF e JONHSON, 1980; LAKOFF, 1987; FILLMORE, 1982; BARCELONA, 2000; CROFT e CRUSE, 2004), analisa a mobilidade das fronteiras categoriais entre compostos, grupos sintáticos e expressões idiomáticas com a palavra ‘pé’. Entre as 32 expressões idiomáticas com a palavra ‘pé’, ela verifica a constituição semântica, sintática e lexical dessas formações, de acordo com Fillmore *et alii* (1988), e estabelece comparações entre aquelas construções e as analisadas por estes autores.

Na perspectiva semântica, as expressões foram divididas entre as que apresentam uma correspondência entre os componentes sintático e semântico, embora tal relação não seja determinada por regras gerais de interpretação semântica e sintática, como ‘cair de pé’, ‘não chegar aos pés de’ (cf. p.4), e as que não são interpretáveis por essa relação, já que não há correspondência entre os componentes, como ‘com os pés nas costas’ (com facilidade) e ‘fazer pés de alferes’ (namoro).

A classificação sintática considerou a obediência ou não às regras sintáticas gerais. As expressões passíveis de análise de acordo com a regra sintática geral da língua, ainda que

## Pensando uma proposta para o estudo das expressões idiomáticas

não analisáveis semanticamente, foram consideradas gramaticais e as que não podem ser analisadas por tais regras, agramaticais. No *corpus* analisado por Silva (2011), não foi encontrado nenhum dado com esse perfil.

Do ponto do vista lexical, distinguem-se as expressões que possuem unidades lexicais fixas, a exemplo de ‘tomar pé’, ‘bater o pé’, que não admitem intercalações de vocábulos ou troca de um dos seus constituintes; e as que podem ser preenchidas com elementos linguísticos sintáticos ou semanticamente apropriados para ocupar a posição disponível, tais como ‘com (o/um) pé atrás’ (desconfiadamente) e ‘ficar no pé de (alguém)’ (molestar com pedidos insistentes)

Fillmore *et alii* (1988) argumentam que a forma apropriada para representar o conhecimento do falante sobre as expressões idiomáticas é entendê-las como construções, isto é, como expressões idiomáticas esquemáticas. Retomando a discussão sobre a oposição entre as expressões idiomáticas lexicalmente preenchidas e as abertas, concluem que não há uma distinção precisa entre elas, pois expressões abertas variam consideravelmente em sua esquematicidade. Por esse motivo, propõem um *continuum* substantive – schematic, em que figuram em um polo as expressões lexicalmente fechadas e, no outro, as lexicalmente abertas. Nas posições intermediárias, aparecem as relativamente preenchidas e aquelas com apenas uma posição preenchida. Nas expressões com ‘pé’, analisadas por Silva (2011), não foram encontrados dados com características de lexicalmente abertas e com apenas uma posição preenchida.

Após estabelecer as comparações entre as expressões idiomáticas do Português do Brasil (PB) e do Inglês, Silva (2011) conclui que as análises propostas por Fillmore *et alii* (1988) e Croft & Cruse (2004), bem como as considerações feitas por esses autores, conduzem a uma avaliação das expressões idiomáticas a partir de ocorrências lexicais, do comportamento morfológico dos seus constituintes, das relações sintáticas estabelecidas dentro da construção e da pragmática. Todas essas nuanças caracterizam as expressões como uma construção de configuração sintática e estruturas semânticas próprias.

Com base nessas discussões e nas propostas para análise dos compostos e do grupo sintático eventual, nos termos de Sandmann (1988), Silva (*op.cit.*) apresentou o *continuum expressões idiomáticas – compostos*, passando pelo grupo sintático eventual<sup>1</sup> e pelo grupo sintático permanente<sup>2</sup>.

Contudo, faltou à pesquisa de Silva (2011) uma análise mais acurada das expressões idiomáticas no que tange aos termos constituintes, à relação entre eles e aos desdobramentos semânticos e funcionais das construções. Assim, o propósito deste artigo é apontar, na literatura, algumas discussões sobre o assunto que possam preencher essas lacunas, dando continuidade à investigação por meio da descrição formal de tais construções e estabelecendo a função semântico-discursiva exercida por elas.

## 2. ALGUMAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Segundo Biderman (2005: 747),

<sup>1</sup> Grupo sintático eventual, “é toda sequência (...) que, em certo sentido, é homônima da palavra composta” (SANDMANN, 1990: 4). Exemplo: Quebrei meu **pé direito**.

<sup>2</sup> Grupo sintático permanente – “sequências fixas, como na palavra composta, (em que) o valor sintático se cristalizou num novo valor morfológico (...) cujas funções são rotular, permanentemente, um recorte do nosso universo biofísicosocial (...)” (SANDMANN 1990: 4), Exemplo: Perdi o **pé da meia**.

## Neide Higino da Silva

“os linguistas geralmente atribuíram às expressões cristalizadas (*expressions figées*) um caráter de exceção, de anomalia linguística e não tentavam propor maneiras de tratamento científico para elas. Contudo, trata-se de um fenômeno de envergadura que a Linguística ignora pela ausência de estudos sobre essa matéria.”

Uma das dificuldades para a análise dessas construções está na falta de consenso em relação a sua definição. Moon (1998), Curry (1988), Fernando (1996) e Flavell (2001), definem expressão idiomática, nessa ordem, como “um termo ambíguo usado de forma conflitante”; “expressões coloquiais que, pelo fato de terem sido muito usadas, se tornaram clichês”; “expressões convencionalizadas que são comumente aceitas” e “nova entidade linguística, cujo significado pode ser diferente dos significados das palavras individuais da expressão”. Croft & Cruse (2004) afirmam que é difícil definir precisamente a categoria expressões idiomáticas.

Diversas são as perspectivas pelas quais as expressões podem ser analisadas. Segundo Abreu (2010), de acordo com Makkai (1972), semanticamente, pode ser observada a relação entre o contexto e a construção de significado básico ou metafórico. Ainda sob essa perspectiva, essas construções são consideradas opacas, não-composicionais, pois o seu significado não é previsível a partir do significado de suas partes constituintes. São convenções advindas do uso. Morfologicamente, são constituídas de pelo menos duas palavras. Do ponto de vista sintático, variam de compostos e sintagmas preposicionais a comparações e orações inteiras (ABREU, 2010).

Biderman (2005) observa que as expressões idiomáticas são reflexo cultural de determinada comunidade linguística; fazem parte do acervo da cultura e não do sistema linguístico. Acrescenta, ainda, que essas construções estão no âmbito da norma e não da língua e, por isso, são aprendidas naturalmente pelo falante nativo, da mesma forma que se aprende o vocabulário do idioma. No entanto, a autora assevera que as expressões são armazenadas nas memórias individual e coletiva incorporando-se ao léxico da língua.

Assim como Makkai (1972), Biderman (2005: 756) afirma que as expressões são não-analisáveis e “por essa razão, os constituintes de uma EI [expressão idiomática] como essa [quebrar o (um) galho] se tornam indissociáveis, não permitindo a supressão ou acréscimo de um elemento.” Em referência à relação entre os termos constituintes da expressão, a autora (2005: 755) lembra que [*levar a vida toda / levar a vida inteira; levar a sua vida / levar a sua vidinha; ter dó / ter pena*] “são sintagmas que não têm paradigmas”. Para a autora (2005: 756), as expressões idiomáticas “podem ser consideradas como uma lista de irregularidades fundamentais de um idioma e de uma norma linguística”.

Segundo Fillmore *et alii* (1988), uma expressão idiomática ou construção é algo que um falante não-nativo da língua poderia deixar de saber, ainda que conhecesse plenamente a gramática da língua. No entanto, a definição inferida do texto citado e a proposta feita pelos autores, que, a partir da análise de várias expressões, as sistematizaram, é elucidativa considerando a constituição semântica, sintática e lexical dessas formações, conforme apresentado a seguir:

## Pensando uma proposta para o estudo das expressões idiomáticas

### “*Encoding idiom*” x “*decoding idiom*”<sup>3</sup>

*Encoding idioms* são expressões interpretáveis por meio de regras sintáticas padrões, mas o significado veiculado não é prototípico. O exemplo citado é ‘answer the door’, (“responder a porta”), “abrir a porta”.

Em PB, é possível observar, em expressões como as já citadas na introdução, ‘cair de pé’ e ‘não chegar aos pés’, comportamento semelhante à ‘answer the door’. Na primeira, há o verbo (cair) e o modificador (de pé), respeitando regra sintática geral da língua portuguesa, no entanto, ‘cair’, semanticamente, não corresponde ao seu significado básico, ‘ir ao chão’, mas a ‘manter-se’; assim como ‘de pé’ corresponde ao significado metafórico, ‘inabalável’. Como na primeira, a regra sintática é obedecida, modificador (não), verbo (chegar) e modificador (aos pés), contudo, semanticamente, ‘não chegar’ significa ‘não estar’ e ‘aos pés de’ significa ‘à altura de’, distante do seu significado prototípico.

*Decoding idioms* são expressões em que as partes que as constituem não são transparentes, pois não há correspondência semântica entre o significado básico das partes e o manifestado pela expressão. Por isso mesmo, não é possível compreender o seu significado através das partes constituintes, nem mesmo metaforicamente. Croft & Cruse ([2004] 2009: 232) citam o exemplo de Fillmore *et alii* (1988), ‘kick the bucket’ (“chutar o balde”), que, em inglês, significa ‘die’ (“morrer”).

No *corpus* analisado por Silva (2011), a expressão ‘com os pés nas costas’, que corresponde à ‘com facilidade’, aproxima-se das características das *decoding idioms*, pois não há transparência semântica, efeito da falta de correspondência entre termos da expressão e seu significado. Os domínios de conhecimento envolvidos em ‘com os pés nas costas’ não são projetáveis sobre os domínios relacionados ao significado de ‘facilidade’, já que não há semelhanças entre esses domínios. Fisicamente é quase impossível pôr os pés nas costas, a não ser para aqueles que têm uma flexibilidade incomum; logo, não há facilidade em pôr os pés nas costas, muito menos em realizar outra tarefa com eles em tal posição, portanto não é viável interpretar tal expressão por meios metafóricos. Outro exemplo que se enquadra nesta classificação é ‘fazer pés de alferes’, que significa namorar.

Segundo Croft & Cruse ([2004] 2009), a distinção entre *encoding idiom* e *decoding idiom* está no contraste com as expressões sintáticas regulares, que seguem as regras de interpretação, ou seja, relacionam o componente sintático ao componente semântico, e as que não são interpretáveis por meio dessa relação. Na expressão ‘kick the bucket’ (“morrer”), compreendida como *decoding idiom*, as regras de interpretação não se aplicam. Já no exemplo ‘spill the beans’, apontado pelos autores como *encoding idiom*, por significar ‘divulge information’ (“divulgar a informação”), há correspondência entre os componentes sintático e semântico. Mas a interpretação de ‘spill’ como ‘divulge’ e ‘beans’ como ‘information’ só é possível na expressão idiomática; portanto, as regras gerais acionadas para interpretação semântica e para estruturas sintáticas não determinam o significado dessa expressão.

Ao empregar uma *encoding idiom*, os falantes constroem o significado por meio de formas linguísticas necessárias para expressá-lo, enquanto, ao usar uma *decoding idiom*, os falantes constroem o significado de expressões linguísticas que já estão pré-estabelecidas. Na primeira, o significado constrói-se pelo acesso às regras gramaticais padrões da língua, considerando a relevância dos papéis dos interlocutores, assim como o contexto social, o

---

<sup>3</sup> Optamos por manter as classificações em inglês, uma vez que não encontramos termos adequados em português.

## Neide Higino da Silva

contexto cultural e as experiências humanas. Na segunda, o conhecimento enciclopédico ganha uma relevância maior, pois o significado não pode ser construído apenas utilizando padrões linguísticos, já que a situação comunicativa torna-se proeminente para se interpretar o significado construído para a expressão.

Croft & Cruse ([2004] 2009) salientam que expressões transparentes tornam-se opacas, caso os falantes não compartilhem o mesmo conhecimento de mundo para entender o significado construído.

A segunda classificação estabelecida por Fillmore *et alii* (1988) refere-se às regras sintáticas, como apresentado a seguir.

### **“Grammatical” x “Extragrammatical”.**

*Grammaticals* são expressões idiomáticas passíveis de análise de acordo com a regra sintática geral da língua, mas não são analisáveis semanticamente. ‘Kick the bucket’ segue a regra sintática geral do inglês: o objeto direto pospõe-se ao verbo. *Extragrammaticals* são expressões que não podem ser analisadas por meio de regras sintáticas gerais da língua. Entre os vários exemplos apresentados pelos autores, ‘sight un seen’ (“visão do invisível”) ilustra a “extragramaticalidade” da expressão, já que apresenta um adjetivo posposto ao substantivo; em inglês, comumente, é o adjetivo que antecede o substantivo.

Segundo Croft & Cruse ([2004] 2009), a obediência ou não às regras sintáticas distingue a expressão *grammatical* da *extragrammatical*. Na expressão *extragrammatical*, é justamente o desvio da regra que confere à sentença o caráter de expressão idiomática.

A terceira distinção está relacionada aos elementos lexicais que compõem a expressão, como observado na sequência.

### **“Substantive” x “Formal”**

*Substantives* são expressões lexicalmente preenchidas, isto é, as unidades lexicais que a compõem, assim como sua estrutura morfológica e sintática, são fixas, como em ‘I takes one to know one’ (“o sujo falando do mal lavado”), em que não é possível flexionar o verbo ‘\*It took one to know one’. Sob esse viés, em PB, a expressão ‘um pé no saco’ é do tipo *substantive*, uma vez que a flexão ‘\*uns pés no saco’ altera o significado da sentença e a descaracteriza como expressão idiomática.

*Formal*, termo utilizado por Fillmore, que corresponde ao que Langacker denomina de *schematic*, é a expressão lexicalmente aberta, ou seja, parte da sentença pode ser preenchida com elementos linguísticos sintática ou semanticamente apropriados para ocupar a posição disponível. Em ‘(X) blows X’s nose’, X pode ser preenchido por um sintagma nominal e X’s pelo pronome possessivo correspondente a X, como em ‘I blew my nose’ (“Eu quebrei o meu nariz”) ou ‘They all blew their noses’ (“Eles quebraram seus narizes”). Expressões como ‘a pé’, (caminhando ou sem automóvel particular), ‘com o pé direito’ (com sorte) e ‘em pé de guerra’ (com os ânimos exaltados) não refletem as características das expressões em inglês, mas possuem semelhanças que possibilitam realizar as análises a partir desses parâmetros. Elas não são expressões autônomas, pois dependem de um *grupo sintático eventual* (SANDMANN, 1988), que as instancie, diferentemente, de expressões tais como ‘negar de pés juntos’, ‘estar com os pés na cova’

### Pensando uma proposta para o estudo das expressões idiomáticas

que apresentam autonomia elocucional. Aquelas expressões possuem a primeira posição disponível, podendo ser preenchida por verbo, conforme os exemplos a seguir:

- (01) ‘Eu só não **vou** a pé porque estirei o músculo da coxa.’  
([twitter.com/sophialreis/status/72086225850343426](https://twitter.com/sophialreis/status/72086225850343426))

‘Olá, galera é o seguinte, **estou** a pé e com pouca grana pra comprar outra moto.’  
([www.motonline.com.br/forum](http://www.motonline.com.br/forum))

- (02) Chico Buarque **estreia** com o pé direito na web e vende mais de 1,7 mil discos em 24 horas.’  
(<http://oglobo.globo.com/cultura>)

‘**Volta** às aulas com o pé direito.’  
(<http://www.educacional.com.br>)

- (03) Apesar de negarem, os donos da Rede TV! **Estão** em pé de guerra. Marido de Luciana Gimenez, Carvalho detém 30% da emissora, mas colocou sua ...’  
([www.odiarrio.com/blogs/tvtudo/2011/04/04/donos-da-redetv-estao-em-pe-de-guerra](http://www.odiarrio.com/blogs/tvtudo/2011/04/04/donos-da-redetv-estao-em-pe-de-guerra))

‘Codó **completa** 115 anos em pé de guerra’  
(<http://www.blogdodecio.com.br>)

A distinção entre *substantive* e *schematic* (denominação escolhida por Croft & Cruse ([2004] 2009: 234) por indicar uma categoria mais geral) repousa sobre expressões sintáticas regulares e escolhas lexicais.

Fillmore *et alii* (1988) encerram a discussão, abordando a questão da pragmática, e afirmam que há expressões usadas somente em situações comunicativas específicas, tais como ‘good morning’ (“bom dia”) ou ‘see you later’ (“até logo”), e outras que não requerem um contexto de uso particular para serem proferidas, como ‘all of a sudden’ (“inesperadamente”).

Todas as características acima apresentadas são parâmetros para categorizar as expressões idiomáticas em três tipos, de acordo com Fillmore *et alii*: a) *unfamiliar pieces unfamilarly arranged*, b) *familiar pieces unfamilarly arranged* e c) *familiar pieces familarly arranged*.

A primeira categoria refere-se a expressões formadas por palavras que só existem em sua constituição. Essas expressões são irregulares nos níveis lexical, semântico e sintático. As palavras são compreendidas como irregulares, uma vez que não existem fora da expressão idiomática e não preenchem nenhuma posição na estrutura sintática canônica. O autor ilustra esse comportamento com o exemplo ‘kith and kin’ relativo a ‘family and friends’ (“família e amigos”). ‘Kin’ refere-se a parentes, familiares, e ‘kith’, a amigos; entretanto, o uso dessas palavras é reservado à expressão idiomática. A expressão ‘pomo da discórdia’, em PB, é um exemplo. A palavra ‘pomo’, que significa ‘fruto’, não é utilizada em outras construções em substituição à palavra ‘fruto’, apenas em expressões cristalizadas.

Na segunda categoria, o léxico é regular, isto é, não está restrito à expressão, mas a sintaxe e a semântica são irregulares, a exemplo da já citada ‘all of a sudden’. Segundo a regra geral da língua inglesa, ‘all of’ deve ser seguido do artigo definido ‘the’. Semanticamente, o significado não está diretamente relacionado às partes constituintes da

**Neide Higino da Silva**

expressão. Na terceira e última categoria, o léxico e a sintaxe são regulares, mas a semântica é irregular, a exemplo de ‘tickle the ivories’ (“fazer cócegas no marfim”), expressão utilizada metonimicamente para expressar o toque suave nas teclas do piano.

Croft & Cruse ([2004] 2009: 236) apresentam um quadro comparativo entre as três categorias de expressão idiomática.

	Léxico	Sintaxe	Semântica
Unfamiliar pieces unfamiliarly arranged	irregular	irregular	irregular
Familiar pieces unfamiliarly arranged	regular	irregular	irregular
Familiar pieces familiarly arranged	regular	regular	irregular
Regular syntactic expressions	regular	regular	regular

*Quadro 1: expressões idiomáticas vs. expressões sintáticas regulares.*

A diversidade estrutural e a semântica permitem organizar as expressões em um *continuum* que contempla aspectos semânticos, sintáticos e lexicais. E, diferentemente, do que propõe Birdeman (2005), as análises de Fillmore *et alii* (1998) e Croft & Cruse (2004) demonstram que as expressões idiomáticas possuem estruturas diferentes entre si e são passíveis de análise. Segundo Bybee (2010), a ideia fundamental por trás da construção é a relação direta entre forma-significado que se estabelece simultaneamente e pode incluir posições que são fixas, bem como posições que estão em aberto.

No entanto, a limitação do corpus observado por Silva (2011) impossibilita a comparação entre as estruturas e categorias de expressões idiomáticas do Inglês e as possíveis estruturas e categorias do PB.

Para uma análise dos elementos lexicais que compõem essas construções, propõe-se o uso da Gramática das Construções (GC), modelo cognitivista que se contrapõe à gerativista, entre outros fatores, por não separar rigidamente os componentes morfológico e sintático. A GC tem como unidade de estudo a construção gramatical, conceituada por Ribeiro (2011: 3871) como “qualquer elemento formal que está diretamente associado a algum sentido, a uma função pragmática ou contendo uma estrutura informacional.”

Entre as diferentes perspectivas de análise da GC: Langacker (1987); Lakoff(1987); Goldberg (1995), Croft (2001), todos modelos baseado no uso (usage-based), *Cognitive Grammar* de Langacker (1987) apresenta uma perspectiva apropriada para o desenvolvimento da investigação aqui proposta.

Conforme resumem Croft & Cruse ([2004] 2009: 278-279), *Cognitive Grammar* trabalha detalhada e cuidadosamente a sintaxe e a semântica. O volume seminal de Langacker (1987) dá uma exposição abstrata do quadro, embora a palavra "construção" raramente aparece lá e um conjunto completamente diferente de termos sejam usados, o modelo de representação sintática de *Cognitive Grammar* é um modelo de construção gramatical. O diferencial dessa proposta, como uma Gramática das Construções é a ênfase sobre as definições simbólicas e semânticas de construções que são, pela tradição, analisadas puramente como sintáticas.

Croft & Cruse (*op.cit*) continuam, o modelo de Langacker (1987) fundamenta-se no pareamento forma e significado, assumindo o caráter simbólico do signo linguístico,

## Pensando uma proposta para o estudo das expressões idiomáticas

portanto, uma gramática é constituída de um inventário estruturado de unidades linguísticas simbólicas convencionais. Langacker argumenta que todas as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais são, em última análise, conceituais, uma parte do que ele chama de espaço semântico, que ele descreve como "o campo multifacetado de conceptualização potencial, no qual o pensamento e a conceituação manifestam-se" (1987: 76)

Metodologicamente, uma perspectiva baseada no uso implica (entre outras coisas) um foco determinado sobre dados autênticos da língua. Assim, a GC, fundamentada no uso, reflete a mudança geral empírica em linguística.

“O conhecimento linguístico dos falantes consiste em coleções sistemáticas de pares de forma-função, que são aprendidos com base na língua que ouvem, na comunidade linguística em que estão inseridos. A língua contém grandes generalizações e fatos idiossincráticos. A abordagem construcional da gramática permite que grandes generalizações e modelos mais limitados sejam analisados e levados em conta na sua plenitude.” (RIBEIRO, 2011: 3874)

Diante dessa perspectiva, propõe-se uma análise mais detalhada do *continuum* apresentando por Fillmore *et alii* (1988), considerando as particularidades do PB. De acordo com Wulff (2013), uma perspectiva construcionista implica um número de hipóteses capazes de incorporar, na medida adequada, a composicionalidade. Primeiro, para qualquer construção complexa, supõe-se um número de construções menores que contribuem semanticamente com a construção mais complexa. Segundo, construções preveem entrenchamento (a ocorrência, o uso de uma forma em frequência suficiente para ser armazenada independentemente) dos elementos que a constituem. A contribuição de qualquer palavra que compõe a construção pode ser amplamente diferente, dependendo da construção em que ocorra.

Outro norteador, qualitativo e quantitativo, para essa pesquisa é Bybee (2010). Segundo Bybee (2010), todos os tipos de expressões convencionalizadas constituídas de várias palavras (expressões multi-vocabulares), de construções “pré-fabricadas” (termo utilizado pela autora para referir-se a expressões convencionalizadas envolvendo mais de uma palavra), de expressões idiomáticas, podem ser consideradas porções linguísticas para fins de processamento e análise. O rastreamento de exemplares e sua categorização levam automaticamente à descoberta de repetidas sequências de palavras. Uma expressão multi-vocabular é convencionalizada se tiver sido estabelecida (tacitamente, com a repetição) como a forma adequada de dizer algo em uma determinada comunidade. Nelas incluem-se as expressões interativas, como *how are you?*, *I don't know* e *I don't think*, bem como as partes (“chunks”) que formam o conteúdo proposicional dos enunciados, como *take a break* e *pick and choose*. Expressões idiomáticas são convencionalizadas e constituem um tipo mais específico de expressão “pré-fabricada”, pois têm um significado não-literal, geralmente construído por meio de metáfora e metonímia para sua interpretação.

Por sua vez, Bybee (2010, p.8), enfatizando o uso, compreende gramática como organização cognitiva de experiências com a linguagem. Para a autora (2005) a *representação exemplar* é a rede organizacional vasta que classifica e armazena experiência *token*. O processo de classificação em si tem um impacto sobre a representação, de modo que em cada caso de utilização há um efeito sobre a memória de armazenamento. Um *exemplar* é uma construção advinda de um conjunto de *tokens* que são categorizados como o mesmo pelo falante. Assim, *tokens* são as instâncias de uso, nos termos de Langacker (2008) eventos de uso, e “exemplares” são as representações desses *tokens*. Um conjunto de exemplares que



são julgados por ser semelhante e representarem o mesmo significado são agrupados e representados em um nível superior como uma palavra ou frase.

Casenhiser & Goldberg (2005) e Goldberg (2006) propõem que a repetição de um verbo em uma construção especial ajuda a estabelecer a correlação entre o significado da construção e sua expressão formal. Explorar as muitas partes o mais constantemente possível ajuda a internalização das relações. Assim, ter a instância de uma construção que é fixa ao longo de algumas repetições pode ajudar no aprendizado das partes da construção e como elas produzem o significado geral.

## CONCLUSÃO

A classificação proposta por Fillmore *et alii* (1988) permite observar o comportamento das expressões idiomáticas do PB, como em Silva (2011), contudo a restrição do *corpus* tornou limitada a comparação entre as expressões das línguas examinadas, Inglês e Português do Brasil. Espera-se que a ampliação do *corpus* e do arcabouço teórico, Langacker (1987), Bybee (2010), Wulff (2013) entre outras leituras, possibilitem um maior panorama sobre o comportamento das expressões idiomáticas em relação à forma, significado e função.

## REFERÊNCIAS

ABREU, D. T. B. de. *Mapeamento conceptual de expressões idiomáticas: um estudo empírico de expressões da língua inglesa*. In: Anais do IX Encontro do CELSUL. Palhoça, 2010.

BARCELONA, A. On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor. In: BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003 [2000]. p. 31-58.

BIDERMAN, M. T. C. *Unidades complexas do léxico*. In: Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela. v. 2, 2005. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/site/geral.aspx?id=3&tp=6>>

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press: New York, 2010.

CROFT, W. ; CRUSE, A. D. *Cognitive linguistics*. Cambridge: University of Cambridge Press, 2009 [2004].

CURRY, D. *Illustrated american idioms*. WASHINGTON DC: Bureau of Educational and Cultural Affairs, 1988.

FERNANDO, C. *Idioms and idiomaticity*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário eletrônico Aurélio da língua portuguesa*, versão 6.0. Curitiba: Positivo, 2009.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: GEERAERTS, D. (Org.). *Cognitive linguistics*. 1 ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006 [1982], p. 333-400.

FILLMORE, C. J. *et al. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of alone*. (1988) In: CROFT, W.; CRUSE, A. D. *Cognitive linguistics*. Cambridge: University of Cambridge Press, 2009 [2004].

### Pensando uma proposta para o estudo das expressões idiomáticas

- FLAVEL, L. e R. *Dictionary of idioms and their origins*. London: Kyle Cathie Ltd. 2001.
- GOLDEBERG, A.E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press. 2006.
- HOUAISS, A. (*et alli*). *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Objetiva. Versão 3.0, junho de 2009.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas de la vida cotidiana*. 7 ed. Madrid: Catedra, 2007.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*, vol.1. California: Stanford University Press. 1987
- LAKOFF, G. *Women, Fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990 [1987]. p. 5, 68-76, 96, 438, 444-445, 453-456.
- MAKKAI, A. *Idiom structure in English*. Mouton: The Hague, 1972.
- MOON, R. *Fixed expressions and idioms in English*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- RIBEIRO, R. M. P. *Construções resultativas do português: uma análise sob a perspectiva da gramática das construções*. In: Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN. Curitiba, 2011.
- SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Ícone, 1989 [1988].
- SANDMANN, A. J. *O que é um composto*. In: Revista D.E.L.T.A., v. 6, n. 1. São Paulo: PUC, 1990.
- SANDMANN, A. J. *Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: UFPR, 1991.
- SILVA, N.H. *Metáfora e metonímia nas construções com 'pé': uma abordagem cognitivista*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. UFRJ. 2011
- WULFF, S. Words and idioms. In: *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press. 2013. p. 274-289.

## THINKING A PROPOSAL FOR THE STUDY OF IDIOMS IN PORTUGUESE

**Abstract:** *This paper aim theoretical proposals for the formal, semantics and pragmatics analyses of idioms. To this, it employs Cognitive Linguistics (LAKOFF e JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; FILLMORE, 1982; BARCELONA, 2000; CROFT e CRUSE, 2004), more precisely the model of Construction Grammar idealized by Langacker (1987). The considerations comes from the Silva (2011)' analyses to the idioms with the word "pé" (foot).*

**Key-words:** *Idioms, Constructions, Use.*